

Médico condena a campanha do GDF

DF SAÚDE

18 MAR 1987

"O Governo está tentando desmoralizar a categoria, colocando a população contra os médicos. Isto fere a hombridade de cada um de nós. Temos o nosso código de ética e nosso compromisso social e o Governo está tentando provar que nos apresentou uma boa proposta e que nós estamos querendo fazer um movimento paredista à toa". Com estas palavras, a presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José da Conceição, resumiu o descontentamento dos médicos da Fundação Hospitalar com a campanha deflagrada ontem pelo GDF na TV e nos jornais.

A sindicalista explicou que os dados divulgados nos jornais de hoje, onde são comparados os salários dos profissionais da rede pública do Distrito Federal com seis estados, não é real, já que estes médicos tem data-base em período diferente dos de Brasília. Desta forma, no salário inicial de um médico da FHDF, de Cz\$ 13.326,27, já está embutido o cálculo de reajuste de 100 por cento do IPC, enquanto que o salário de um médico do Rio de Janeiro, por exemplo, que é de Cz\$ 5 mil 364, só sofrerá reajuste em maio.

Do mesmo modo, os salários dos médicos de São Paulo (Cz\$ 10.227,76) e do Rio Grande do Sul (Cz\$ 5.297) só serão reajustados em setembro e junho, respectivamente. Já os profissionais de Sergipe (Cz\$ 3.694,80) tiveram reajuste em novembro último. Estes dados sobre os salários foram os divulgados pelo GDF. De acordo com telefonemas do sindicato local para os de outros Estados, estas remunerações são estipuladas em salário mínimo, que será constantemente reajustado este ano, de acordo com os planos do Governo Federal.

— Além disso, nós não dissemos que a proposta do GDF é

ruim. Só que ela poderia ser melhorada, já que deixa de fora cerca de 650 médicos — comentou Maria José, ao se referir à tabela de reajustes proposta pelo Governo. Por esta tabela, o salário do profissional da FHDF de referência inicial, que ganhava Cz\$ 7 mil 600, foi equiparado com o do Inamps — onde houve um pequeno ganho de cerca de Cz\$ 500, pois o adicional de insalubridade do Inamps é menor que o da FHDF — chegando a Cz\$ 9 mil 420. Em seguida, este salário recebeu o reajuste de 100 por cento do IPC.

Ocorre que as 22 referências

da FHDF não sofreram o mesmo tratamento, já que os médicos de final de carreira da Fundação ganham a mesma coisa ou, em alguns casos, até menos do que os do Inamps. Com isso, até a 13ª referência, os 1 mil 558 médicos da Fundação tiveram um aumento real médio de seus salários de 24,9 por cento, segundo a presidente do sindicato. Após esta referência, há um decréscimo do ganho, chegando à última com um aumento real de apenas 3 por cento. Nesta posição está o restante dos médicos da Fundação — aqueles 650. "Só o que o GDF está gastando com esta campanha de difamação da categoria daria, provavelmente, para pagar o aumento salarial dos médicos", comentou Maria José.

CAMPANHA

Segundo um informante da empresa de propaganda DPZ — que está produzindo a campanha do GDF — a intenção é mostrar à população que os médicos de Brasília estão com uma situação privilegiada em relação a outros Estados e que a única que perderia com a greve é a população. "Nós queremos mostrar que o Governo está solidário com os médicos e que o governador José Aparecido, desde que assumiu, tem melhorado a infra-estrutura do atendimento médico com a reforma do HBB e construção de vários postos de saúde, por exemplo", disse.

Através desta campanha, que vai durar até o dia 20, além da divulgação da proposta do Governo nos jornais, está sendo veiculado também pela TV um videotape onde aparecem as melhorias nos hospitais e nos postos de saúde durante o José Aparecido. O informante não quis relatar quanto o GDF gastou com a campanha, limitando-se a dizer que "foi muito pouco".